



XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **20/07/2018**

Aprovado em: **09/08/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.21.06>

Aguçando mecanismos de compreensão textual a partir de práticas de leitura de contos escolhidos para a turma do 7º ano, da Escola Estadual Abelardo Barreto do Rosário, no município de Tobias Barreto.

EIXO: 21. MESTRADO PROFISSIONAL, PESQUISA APLICADA NO ENSINO E NA SALA DE AULA

LÃDIA MARIA DA SILVA FREIRE, ADRIANA ALVES DE SANTANA SANTOS

Resumo: Ante a dificuldade de leitura e compreensão percebida nas aulas de Língua Portuguesa do 7º ano, da Escola Estadual Abelardo Barreto do Rosário, localizada no município de Tobias Barreto/SE, fez-se necessário um trabalho de intervenção cuja ação está voltada para um letramento literário com foco no gênero conto, a fim de tentar minimizar tal problemática, a qual afeta não apenas as aulas de Português como todas as demais disciplinas, tendo em vista que os alunos leem mal e conseqüentemente não compreendem o que estão lendo, criando entraves à progressão dos conteúdos programáticos e ao próprio avanço dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Assim, a partir da sondagem, elaboramos uma sequência didática fundamentada nos teóricos do texto e nos documentos que regulam a educação no Brasil.

Palavras-chaves: Letramento literário. Leitura. Compreensão. Texto. Ensino.

Abstract: Faced with the difficulty of reading and comprehension perceived in the Portuguese Language classes of the 7th grade, from the State School Abelardo Barreto do Rosário, located in the municipality of Tobias Barreto / SE, it was necessary to work in intervention whose action is aimed at literary literacy with a focus on the genre, in order to try to minimize this problem, which affects not only Portuguese classes but also all other subjects, since students read poorly and consequently do not understand what they are reading, creating obstacles to progression of program content and to the students' own progress in the teaching-learning process. Thus, from the survey, we elaborate a didactic sequence based on theorists of the text and the documents that regulate education in Brazil.

Keywords: Literary literacy. Reading. Understanding. Text. Teaching.

Resumen: Dada la dificultad de lectura y comprensión percibida en clases de portugués de Año 7, la Escuela Estatal Abelardo Barreto del Rosario, ubicada en la ciudad Tobias Barreto / SE, era necesario un trabajo de intervención cuya acción se centró en una alfabetización literaria centrándose en el cuento de género con el fin de tratar de minimizar este problema, que afecta no sólo a las clases de portugués como todas las otras disciplinas, con el fin de que los estudiantes leen mal y por lo tanto no entienden lo que están leyendo, creando barreras para la progresión de los contenidos programáticos y al propio avance de los alumnos en el proceso de enseñanza-aprendizaje. Así, a partir del sondeo, elaboramos una secuencia didáctica fundamentada en los teóricos del texto y en los documentos que regulan la educación en Brasil.

Palabras claves: Lectura literaria. La lectura. La comprensión. Texto. Educación.

INTRODUÇÃO

A pertinência desse trabalho parte da necessidade de se criar ou aprimorar as habilidades leitoras de alunos do 7º ano B do ensino fundamental maior, da Escola Estadual Abelardo Barreto do Rosário, situada no centro da cidade de Tobias Barreto. A turma em questão estuda no turno vespertino, é composta, em sua maioria, por alunos repetentes, muitos destes repetindo pela segunda vez, o que ocasiona a distorção idade/série e gera uma apatia a todos os trabalhos propostos, reforçando a ideia de aluno problemático e desinteressado por parte de alguns professores, e cujos pais se encarregam apenas de obrigar o filho a ir para a escola, motivados por questões financeiras ou judiciais, mas pouco preocupados com o ato de estudar, com o ser estudante. Tal atitude se reflete na indisciplina dos meninos em sala de aula e no mau desempenho dos mesmos em todas as disciplinas, como atesta o Projeto Político Pedagógico da Escola, (2017, p.14): “Muitos dos pais não têm um grau de escolaridade elevado e, com isso, não têm subsídios para o acompanhamento dos estudos de seus filhos, o que torna, em parte, o rendimento escolar aquém”.

Some-se a isso o desenvolvimento da cidade onde a escola está situada, que é basicamente constituído por uma economia industrial e no comércio onde a maioria dos pais da clientela dessa instituição trabalha, alegando não ter tempo para a participação efetiva na educação dos filhos, o que em parte justifica o comparecimento de poucos pais nos eventos promovidos pela escola e nas reuniões de pais e mestres, mesmo a instituição estando localizada no centro da cidade. O alunado é composto por alunos da cidade e dos povoados circunvizinhos, estes dependem do transporte público escolar. E, embora a escola seja uma das mais novas, sua estrutura física já demonstra necessidade de uma reforma, pois a biblioteca, por exemplo, está com as paredes comprometidas por rachaduras, o que inviabiliza seu acesso e representa uma restrição ao desenvolvimento de um projeto de leitura.

Além disso, a falta de políticas públicas educacionais mais efetivas também ajuda a petrificar o insucesso do ensino público no país, quicá em Tobias Barreto, como provam os indicadores avaliativos da escola em questão cujo IDEB foi 3,1 em 2017, uma média aproximada da média do Estado – 4,4 – e uma média regular, tendo em vista a formação da maioria dos profissionais que compõe o quadro docente da referida instituição de ensino (especialistas, mestres, mestrados e uma doutoranda) e a parceria entre os professores que se envolvem em todos os projetos, mesmo aqueles que são de áreas específicas, como o Sarau Literário, por exemplo.

Tal contexto deixa claro que os problemas pertinentes ao ensino-aprendizagem de língua materna são reflexos de situações adversas a esse ensino (família excluída, sistema arcaico, questões socioeconômicas insuficientes...) e não apenas às práticas pedagógicas adotadas pelos profissionais de língua. Contudo, é evidente que esses profissionais devem se esforçar para mediar uma educação escolar contextualizada com as exigências da sociedade em geral e da sociedade em que os discentes estejam envolvidos, pois como afirma Gilberto Freire: “sem função social, o saber é fútil”, (1917).

SITUAÇÃO PROBLEMA/PROPOSTA

No caso da disciplina de Língua Portuguesa, o mau desempenho dos alunos perpassa por questões

básicas, habilidades e competências que deveriam ter sido desenvolvidas nas séries anteriores, como a compreensão de um texto, mesmo em seu nível superficial, os efeitos de sentido a partir do uso dos variados recursos linguísticos disponibilizados pela Língua, os quais estão descritos na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), mas que não foram privilegiados, tendo em vista a dificuldade de compreensão percebida durante a leitura do conto **O Homem Que Espalhou o Deserto**, de Ignácio de Loyola Brandão (em anexo), em que os discentes não foram capazes de mobilizar conhecimentos prévios nem habilidades multissemióticas para responder aos seguintes questionamentos:

1. Por que os técnicos foram trazidos de Israel
2. Por que motivo, a solução dada pelos israelitas provavelmente não acabará com o problema da desertificação

Relativo ao primeiro questionamento, esperava-se que os alunos recorressem aos conhecimentos de geografia para depreender que Israel é um país asiático que sofre com os escassos recursos hídricos e terra árida, todavia possui um elevado Índice de Desenvolvimento Humano. Já sobre o segundo, a resposta estava posta no próprio texto, pois, “E enquanto as árvores eram plantadas, o homem do machado ensinava ao filho sua profissão”. O resultado insatisfatório dessa atividade mostrou que um simples problema de leitura qualitativa – “aquela em que o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto” (BRASIL, 1998:69) - cria um entrave à progressão dos conteúdos programáticos para aquela série e, conseqüentemente, ao bom desempenho do processo de ensino-aprendizagem em todas as áreas do conhecimento.

Tais resultados conduziram a didática de um trabalho voltado para o desenvolvimento de estratégias que aproximassem os alunos do universo da leitura, principalmente da leitura de textos artístico-literários, já que pelo contexto social das suas famílias – pouca escolaridade, poucas condições financeiras...- pode-se inferir que o único contato com esse tipo de leitura é no ambiente escolar e, segundo Cosson (2016, p.23), “[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola.” Assim, é a instituição educacional que precisa garantir o desenrolar dessa competência leitora através de mecanismos que contemplem a proficiência de leitura do gênero literário, qualquer que seja ele, pois, é um dever da escola e um direito do aluno ter acesso a cultura letrada e “[...] a literatura é uma forma privilegiada de linguagem” (ROJO: 2000, p.19), logo, nada mais justo que unir o útil ao agradável.

Portanto, a estratégia escolhida para desenvolver a proficiência de leitura do gênero literário foi uma sequência didática básica, de acordo com o proposto por Cosson (2016), já que essa estratégia nasceu da necessidade de proporcionar ao seu público um ambiente favorável ao hábito da leitura, às expressões culturais e literárias e à troca de conhecimentos, além de uma aproximação com a forma de arte mais antiga da sociedade. Dessa forma, a escolha do modelo de sequência adotado é justificada por a mesma corresponder aos objetivos e às expectativas traçadas para a turma em questão e está pautada em modelos de ensino atualizados e que dialogam com os documentos que regem a educação básica. Com isso, espera-se que essa prática oportunize aos discentes o desenvolvimento de experiências de leitura e interpretação e socialização dos saberes, a fim de enriquecer as aulas de Língua Portuguesa e romper com a ideia de que Literatura é uma chatice.

Mesmo as séries finais do ensino fundamental não contemplando o ensino de Literatura tal qual no ensino médio, convém que o contato com esse gênero seja efetivado desde já, afinal, trabalhar com

os gêneros textuais em sala de aula representa um caminho à “materialização” da língua e sua funcionalidade, conforme Marcuschi (2008, p.25) estabelece: “[...] os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas.” Eis o porquê não se pode nem deve dissociar o ensino de língua do contato com os diversos textos espalhados em sociedade, principalmente com o literário permeado de “material semiótico-ideológico” pertinente ao uso e aquisição da Língua. Por isso, esta sequência didática, apresentada a seguir, está baseada nos contos: Conto de Fadas para Mulheres Modernas, de Luís Fernando Veríssimo, De Cima para Baixo, de Artur Azevedo, e Travesseiro de Penas, de Horácio Quiroga, correspondendo a um dos conteúdos programáticos para o 7º ano, o tipo textual narrativo.

Antes de passarmos à Sequência Didática, faz-se necessário rever alguns conceitos teóricos que fundamentam esse trabalho.

MECANISMOS DE COMPREENSÃO TEXTUAL

A leitura é uma das competências mais antigas do ser humano. Desde a Pré-história, o homem precisou usar essa competência para sobreviver, se livrar de armadilhas, de animais ferozes e se proteger de fenômenos naturais. E hoje, a leitura, vista como “uma atividade de produção de sentido” (KOCH, 2007, p.12), é ainda mais uma questão de sobrevivência, é também uma questão de inclusão sociocultural se não for tomada como uma simples atividade de reprodução do código linguístico, mas for:

“Tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais.” (BRASIL, 2017, p. 70)

Essa visão ampliada da leitura deve ser um requisito para estabelecer estratégias de ensino mais interativas e menos conteudistas, pois a interação desperta o sentimento de pertencimento a uma comunidade usuária de um sistema linguístico onde são validados suas crenças, valores e ideologias. Por tal motivo, Coulmas (2014, p.104) afirma que “o **letramento** é um pré-requisito da oportunidade econômica e da plena participação na sociedade.” Aqui, o termo destacado limita-se ao letramento literário para aguçar mecanismos de compreensão textual, a fim de a escola cumprir com destreza o seu papel primordial que é formar cidadãos críticos e capazes de aplicar todo conhecimento aprendido em favor da sociedade.

Acompanhando esse requisito, é importante salientar que uma leitura onde a interação autor – texto – leitor seja efetivada de fato, requer táticas que partam do micro para o macro desvelar de seus sentidos, isto é, uma compreensão a partir da decodificação do que está dito no texto para uma compreensão interpretativa e construtiva das inúmeras possibilidades de significação da mensagem, já que o texto, visto como um “instrumento por meio do qual os indivíduos criam, mantêm ou subvertem suas estruturas sociais.” (Wachowicz, 2012, p. 1), reflete as experiências e visões de mundo do seu produtor, mas também constitui um lugar onde experiências próprias podem ser vividas e visões de mundo podem ser partilhadas, refutadas ou petrificadas pelos receptores.

Assim, é papel do professor não apenas mediar saberes, mas sobretudo criar condições que estimulem o letramento literário, competências leitoras e mecanismos de compreensão textual, pois a função da leitura literária é:

“[...] ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito da leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito de linguagem.” (COSSON, 2016, p. 30)

Diante dessa perspectiva, não se justifica o ensino da língua por ela mesma nem o ensino da literatura pautado nos moldes tradicionais de decoreba de estilos de época e autores, mas um ensino fundamentado nos pilares da educação e nas competências e habilidades sugeridas pelos referentes teóricos do nosso sistema educativo, os quais postulam as prerrogativas para o ensino de Língua Portuguesa centradas no texto e nas suas instâncias enunciativas. Por isso, o desenvolvimento de mecanismos que aprimorem a compreensão textual em níveis mais avançados, servindo-se da cotextualidade e da contextualidade, ajuda a manter a conexão com os constituintes dessa entidade enunciativa cuja mensagem não está pronta, mas cabe a cada leitor concluí-la. Assim, a Sequência Didática ora proposta adota o modelo de COSSON (2016), por está articulado com as propostas defendidas neste trabalho, dividida em quatro componentes essenciais:

- MOTIVAÇÃO: momento em que o aluno é preparado para o texto;
- INTRODUÇÃO: apresentação da obra a ser trabalhada;
- LEITURA: leitura social e acompanhamento;
- INTERPRETAÇÃO: o registro da leitura.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Esta Sequência Básica foi elaborada para nortear seis aulas de Língua Portuguesa, de cinquenta minutos cada, totalizando quatrocentos minutos, na turma do 7º ano do Ensino Fundamental e está dividida em doze etapas, em que quatro (2 aulas) são destinadas ao primeiro conto – Conto de fadas para mulheres modernas – por ser curto e similar aos contos de fadas clássicos, os quais eles provavelmente estão mais habituados, seja pelo contato com o texto escrito seja pelo texto em filme; duas (1 aula) específicas para o estudo da estrutura do gênero conto, já que o letramento literário contempla a estética e a funcionalidade do gênero trabalhado; quatro (2 aulas) voltadas para o conto de Artur Azevedo, um texto maior, com uma temática diferente do que eles provavelmente estão acostumados, mais personagens e que demanda um maior esforço para compreensão; e duas (1 aula) para o conto de Horácio Quiroga, momento no qual eles serão instigados a perceber o terror presente na narrativa e pôr em prática tudo o que foi tratada no decorrer dessas oito aulas. Espera-se com isso que ao final dessas aulas, eles consigam aprender que o texto literário é o mundo e que através dele nós nos ressignificamos.

OBJETIVOS

- Aproximá-los do que temos de melhor em Literatura, fazendo-os se apropriarem desse patrimônio cultural;

- Incentivar o hábito da leitura;
- Identificar implícitos e efeitos de sentido extratextuais;
- Estimular o senso crítico;
- Aprender a funcionalidade do gênero conto na sociedade.

CONTEÚDO

- Leitura dos contos Conto de fadas para mulheres modernas, de Luís Fernando Veríssimo, De cima para baixo, de Artur Azevedo e Travesseiro de Penas, de Horácio Quiroga;
- Os implícitos do texto (compreensão por decodificação + compreensão por inferência)
- A estrutura do conto literário e sua funcionalidade na sociedade.

MATERIAL UTILIZADO

- Cópias dos três contos

MOTIVAÇÃO

PRIMEIRA ETAPA – 1 aula

Questionamos os alunos sobre os contos de fadas clássicos, se eles conhecem e se podem dar um exemplo contando resumidamente o que acontece. Em seguida foi perguntado qual frase encerra esses contos clássicos e o que isso quer dizer e ouvir a opinião de cada um.

INTRODUÇÃO

SEGUNDA ETAPA – continuação da etapa anterior

Falamos um pouco sobre o escritor Luís Fernando Veríssimo, ressaltando seus trabalhos com a linguagem. E informamos sobre o conto a ser lido, instigando a curiosidade a partir do título: o que um conto para mulheres modernas poderia ter de diferente dos contos clássicos Ouvir as sugestões de cada um.

LEITURA

TERCEIRA ETAPA – 1 aula

Solicitamos que uma das meninas fizesse a leitura social do conto, já que ele é destinado às mulheres modernas, enquanto os demais acompanham pela sua cópia. Ao término, perguntamos se a história correspondeu às expectativas causadas pelo título ou não.

INTERPRETAÇÃO

QUARTA ETAPA – continuação da etapa anterior

Com base no exposto pelos alunos na etapa anterior, começamos a trabalhar com os sentidos

implícitos decorrentes do uso dos adjetivos para caracterizar a princesa e do único adjetivo que caracteriza o príncipe, além do conceito de felicidade para um e para outro e dos valores e ideologias que cada personagem prezava. Depois, perguntamos às meninas se elas aceitariam ou não a proposta do príncipe e por quê. E em seguida, questionamos os meninos sobre o que eles acham da proposta do príncipe, se foi indecente ou se é isso mesmo que se espera. E questionamos também sobre a postura da princesa.

QUINTA ETAPA – 1 aula

Trabalhamos com eles algumas propriedades do texto literário, como a concisão, a ficção e a flexibilidade do gênero conto, bem como suas características, a intertextualidade e a verossimilhança para um letramento literário mais significativo.

SEXTA ETAPA – continuação da etapa anterior

Elucidamos vocábulos e expressões desconhecidas pelos aprendizes, através de uma atividade de consulta ao dicionário e de apreensão do sentido a partir do contexto em que determinada palavra ou expressão foi empregada, com o objetivo de tornar o leitor mais sensível à construção do texto e para uma leitura mais atenta das alusões, inferências, ideologias e intencionalidades presentes na tessitura do texto escrito e na trama desenvolvida.

SÉTIMA ETAPA – 1 aula

A partir do conto De cima para baixo, de Artur Azevedo, questionamos se eles fazem alguma ideia da temática trabalhada nesse conto, só pela leitura do título. Em seguida, comentamos um pouco sobre hierarquia e as relações de poder e como elas aparecem na sociedade real.

OITAVA ETAPA – continuação da etapa anterior

Fazer a leitura compartilhada do conto De cima para baixo: um ler um pouco, depois outro continua a leitura, depois outro, até terminar a leitura completa do conto. Logo após perguntamos qual a relação de sentido pode-se estabelecer entre o título e a narrativa, agora que já a conhecem. Qual o conflito que motiva toda a discussão da narrativa. Se situações como essas ocorrem na vida real ou é apenas uma fantasia do autor do texto.

NONA ETAPA – 1 aula

Perguntar se eles gostariam de assumir o lugar do mísero animal e por quê. O que eles acharam da humildade do cachorro. E por que os personagens ficam passando a culpa uns para os outros ao invés de resolverem o problema logo.

DÉCIMA ETAPA – continuação

Pedi que eles opinem sobre a forma como o texto literário lido vê o mundo, o ser humano e as

relações sociais, principalmente, profissionais. E se a visão de mundo deles comunga em algum ponto com as ideias do conto.

DÉCIMA PRIMEIRA ETAPA – 1 aula

Entregamos o texto Travesseiros de penas sem o clímax e pedimos para que eles fizessem a leitura individual, pedindo que eles se atentem às palavras e expressões que indicam a temática tratada na narrativa e as características próprias do conto. E que a partir dos conhecimentos adquiridos durante as aulas, criassem um final para a narrativa.

DÉCIMA SEGUNDA ETAPA – continuação da aula anterior

Ouvir a opinião de cada aluno acerca do texto anterior e pedimos que eles socializassem o final criado. Logo em seguida, leríamos o final do conto para eles, observando se haveria alguma aproximação com o que eles propuseram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante a tudo o que foi exposto neste trabalho, fica evidente a carência de um letramento literário nas aulas de Língua Portuguesa e de planos de aula direcionados ao aprimoramento de conhecimentos já concebidos, pois uma coisa é fato, os alunos não são seres desprovidos de conhecimento nem chegam à escola vazios, eles possuem opiniões, são críticos segundo suas aspirações e convicções próprias da idade e são capazes de se posicionarem frente a determinadas situações ou conversas. Nesse sentido, o que falta a essa “molecada” são esquemas que despertem os sentidos deles para a prática da leitura e criem certa familiaridade com o gênero literário, dado que é na leitura e na escrita deste gênero que “encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos.” (COSSON, 2016, p. 17).

Assim, é indispensável também que as práticas docentes sejam reavaliadas, pois não se pode esperar resultados diferentes se as práticas continuam as mesmas. Oportunizar uma compreensão mais profunda do texto é tirar a venda que impede essas crianças de verem o maravilhoso mundo da Literatura e a importância dela para a sociedade, por isso é responsabilidade da escola viabilizar essas ações, a fim de que os objetivos almejados sejam de fato alcançados e a educação dos jovens e adolescentes seja um progresso e não um retrocesso.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF

BRASIL, Ministério da. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

COOULMAS, Florian. **Escrita e Sociedade**. São Paulo: Parábola, 2014.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, A. P. et al. (org) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

ROJO, Roxane. **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

SERGIPE, Secretaria de Estado da Educação. “DRE 02”. **Projeto Político Pedagógico do Colégio Abelardo Barreto do Rosário**. Sergipe, 2017.

WACHOWICZ, Tereza Cristina. **Análise linguística nos gêneros textuais**. São Paulo: Saraiva, 2012.

INTERNET: <https://www.pensador.com/frase/NTk1MTEw/> trecho de discurso “Adeus ao colégio”, de Gilberto Freire, 1917.

Mestranda do PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras, pela Universidade Federal de Sergipe, e-mail: lidiafreire1@hotmail.com

Mestranda do PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras, pela Universidade Federal de Sergipe, e-mail: adrianaufs@hotmail.com

ANEXOS

CONTO 1.

CONTO DE FADAS PARA MULHERES MODERNAS, de Luís Fernando Veríssimo

Era uma vez, numa terra muito distante, uma linda princesa, independente e cheia de autoestima que, enquanto contemplava a natureza e pensava em como o maravilhoso lago do seu castelo estava de acordo com as conformidades ecológicas, se deparou com uma rã. Então, a rã pulou para seu colo e disse:

- Linda princesa, eu já fui um príncipe muito bonito. Mas, uma bruxa má lançou-me um encanto e eu transformei-me nesta rã asquerosa. Um beijo teu, no entanto, há de me transformar de novo num belo príncipe e poderemos casar e constituir lar feliz no teu lindo castelo. A minha mãe poderia vir morar conosco e tu poderias preparar o meu jantar, lavarias as minhas roupas, criarias os nossos filhos e viveríamos felizes para sempre...

E então, naquela noite, enquanto saboreava pernas de rã à sauté, acompanhadas de um cremoso molho acebolado e de um finíssimo vinho branco, a princesa sorria e pensava:

- Eu, hein... nem morta!

(http://www.academia.edu/31519737/Conto_de_fadas_para_Mulheres_Modernas)

CONTO 2.

DE CIMA PARA BAIXO, de Artur Azevedo

Naquele dia o ministro chegou de mau humor ao seu gabinete e imediatamente mandou chamar o diretor geral da Secretaria. Este, como se movido fosse por uma pilha elétrica, estava, poucos instantes depois, em presença de Sua Excelência, que o recebeu com duas pedras na mão.

- Estou furioso! - exclamou o conselheiro. - Por sua causa passei por uma vergonha diante de Sua Majestade o Imperador!

- Por minha causa - perguntou o diretor-geral, abrindo muito os olhos e batendo nos peitos.

- O senhor mandou-me na pasta um decreto de nomeação sem o nome do funcionário nomeado!

- Que me está dizendo, Excelentíssimo...

E o diretor-geral, que era tão passivo e humilde com os superiores, quão arrogante e autoritário com os subalternos, apanhou rapidamente no ar o decreto que o ministro lhe atirou, em risco de lhe bater na cara, e, depois de escanchar a luneta no nariz, confessou em voz sumida:

- É verdade! Passou-me! Não sei como isto foi...

- É imperdoável esta falta de cuidado! Deveriam merecer-lhe um pouco mais de atenção os atos que têm de ser submetidos à assinatura de Sua Majestade, principalmente agora que, como sabe, está doente o seu oficial-de-gabinete!

E, dando um murro sobre a mesa, o ministro prosseguiu:

- Por sua causa esteve iminente uma crise ministerial: ouvi palavras tão desagradáveis proferidas pelos augustos lábios de Sua Majestade que dei a minha demissão!...

- Oh!...

- Sua Majestade não o aceitou...

- Naturalmente; fez Sua Majestade muito bem.

- Não a aceitou porque me considera muito e sabe que a um ministro ocupado como eu é fácil escapar um decreto mal copiado.

- Peço mil perdões a Vossa Excelência - protestou o diretor-geral, terrivelmente impressionado pela palavra demissão. - O acúmulo de serviço fez com que me escapasse tão grave lacuna; mas afirmo a Vossa Excelência que de agora em diante hei de ter o maior cuidado em que se não reproduzam fatos desta natureza.

O ministro deu-lhe as costas e encolheu os ombros, dizendo:

- Bom! Mande reformar essa porcaria!

O diretor-geral saiu, fazendo muitas medidas, e chegando no seu gabinete, mandou chamar o chefe da 3ª seção, que o encontrou furo de cólera.

- Estou furioso! Por sua causa passei por uma vergonha diante do Sr. Ministro!

- Por minha causa

- O senhor mandou-me na pasta um decreto sem o nome do funcionário nomeado!

E atirou-lhe o papel, que caiu no chão.

O chefe da 3ª seção apanhou-o, atônito, e, depois de se certificar do erro, balbuciou:

- Queira Vossa Senhoria desculpar-me, Sr. Diretor... são coisas que acontecem... havia tanto serviço... e todo tão urgente!...

- O Sr. Ministro ficou, e com razão, exasperado! Tratou-me com toda a consideração, com toda a afabilidade, mas notei que estava fora de si!

- Não era caso para tanto.

- Não era caso para tanto Pois olhe, Sua Excelência disse-me que eu devia suspender o chefe de seção que me mandou isto na pasta!

- Eu... Vossa Senhoria...

- Não o suspendo; limito-me a fazer-lhe uma simples advertência, de acordo com o regulamento.

- Eu... Vossa Senhoria.

- Não me responda! Não faça a menor observação! Retire-se e mande reformar essa porcaria!

O chefe da 3ª seção retirou-se confuso e foi ter à mesa do amanuense que tão mal copiara o decreto:

- Estou furioso, Sr. Godinho! Por sua causa passei por uma vergonha diante do Sr. Diretor-geral!

- Por minha causa

- O senhor é um empregado inepto, desidioso, desmazelado, incorrigível! Este decreto não tem o nome do funcionário nomeado!

E atirou o papel, que bateu no peito do amanuense.

- Eu devia propor a sua suspensão por 15 dias ou um mês: limito-me a repreendê-lo, na forma do regulamento! O que eu teria ouvido, se o Sr. Diretor-geral me não tratasse com tanto respeito e consideração!

- O expediente foi tanto que não tive tempo de ler o que escrevi...

- Ainda o confessa!

- Fiei-me em que o sr. chefe passasse os olhos...

- Cale-se!... Quem sabe se o senhor pretende ensinar-me quais sejam as minhas atribuições!...

- Não, senhor, e peço-lhe que me perdoe esta falta...

- Cale-se, já lhe disse, e trate de reformar essa porcaria!...

O amanuense obedeceu.

Acabado o serviço, tocou a campainha. Apareceu um contínuo.

- Por sua causa passei por uma vergonha diante do chefe da seção!

- Por minha causa

- Sim, por sua causa! Se você ontem não tivesse levado tanto tempo a trazer-me o caderno de papel imperial que lhe pedi, não teria eu passado a limpo este decreto com tanta pressa que comi o nome do nomeado!

- Foi porque...

- Não se desculpe: você é um contínuo muito relaxado! Se o chefe não me considerasse tanto, eu

estava suspenso, e a culpa seria sua! Retire-se!

- Mas...

- Retire-se, já lhe disse! E deve dar-se por muito feliz: eu poderia queixar-me de você!...

O contínuo saiu dali e foi vingar-se num servente preto, que cochilava num corredor da Secretaria.

- Estou furioso! Por sua causa passei pela vergonha de ser repreendido por um bigorrilhas!

- Por minha causa

- Sim. Quando te mandei ontem buscar na portaria aquele caderno de papel imperial, por que te demoraste tanto

- Porque...

- Cala a boca! Isto aqui é andar muito direitinho, entendes - Porque, no dia em que eu me queixar de ti ao porteiro estás no olho da rua. Serventes não faltam!...

O preto não redarguiu.

O pobre-diabo não tinha ninguém abaixo de si em quem pudesse desforrar-se da agressão do contínuo; entretanto, quando depois do jantar, sem vontade, no frege-moscas, entrou no pardieiro em que morava, deu um tremendo pontapé no seu cão.

O mísero animal, que vinha, alegre, dar-lhe as boas vindas, grunhiu, grunhiu, grunhiu, e voltou a lambar-lhe humildemente os pés.

O cão pagou pelo servente, pelo contínuo, pelo amanuense, pelo chefe da seção, pelo diretor-geral e pelo ministro!...

(<https://novaescola.org.br/conteudo/3167/de-cima-para-baixo>)

CONTO 3.

TRAVESSEIRO DE PENAS, de Horácio Quiroga

Sua lua-de-mel foi um longo arrepio. Loura, angelical e tímida, o temperamento rude de seu marido enregelou seus sonhos infantis de noiva. Amava-o muito, entretanto, às vezes com um leve estremecimento quando, voltando à noite juntos pela rua, lançava um olhar furtivo à alta estatura de Jordán, silencioso já há uma hora. Ele, por sua vez, a amava profundamente, sem revelar seu amor.

Durante três meses — casaram-se em abril — viveram uma felicidade toda especial. Ela sem dúvida desejaria menos rigidez naquele austero céu de amor, uma ternura mais atrevida e expansiva, mas o impassível semblante do marido sempre a continha.

A casa em que viviam influa um pouco em seus tremores. A brancura do pátio silencioso — frisos, colunas e estátuas de mármore — produzia uma outonal impressão de palácio encantado. Dentro, o brilho glacial do gesso, sem o mais leve arranhão nas altas paredes, acentuava aquela sensação de frio desagradável. Ao passar de um cômodo a outro, os passos ecoavam por toda a casa, como se um longo abandono tivesse acentuado sua ressonância.

Nesse espantoso ninho de amor, Alicia passou todo o outono. Entretanto, acabou por lançar um véu sobre seus antigos sonhos e vivia entorpecida na casa hostil, sem querer pensar em coisa alguma até que chegasse o marido.

Não era estranho que emagrecesse. Contraiu uma leve gripe que se arrastou insidiosa por dias e dias; Alicia não se recuperava. Finalmente, uma tarde pôde ir ao jardim apoiada no braço do marido. Olhava indiferente de um lado para outro. De repente, com profunda ternura, Jordán passou-lhe a mão na cabeça, e Alicia imediatamente começou a soluçar, envolvendo-lhe o pescoço com os braços. Chorou longamente todo o seu medo silencioso, redobrando o pranto à menor tentativa de carícia. Então os soluços foram rareando e ela ficou ainda por algum tempo escondida em seu colo, sem se mexer ou falar.

Foi esse o último dia que Alicia passou de pé. No dia seguinte amanheceu desfalecida. O médico de Jordán examinou-a com todo o cuidado, ordenando-lhe calma e descanso absolutos.

_ Não sei — disse a Jordán na porta da casa, com a voz ainda baixa. _ Ela sofre de uma grande debilidade que não consigo explicar, e sem vômitos, nada... Se amanhã acordar como hoje, me chame imediatamente.

No dia seguinte, Alicia continuava a piorar. Nova consulta. Constatou-se uma anemia de evolução agudíssima, completamente inexplicável. Alicia não sofreu outros desmaios, mas estava visivelmente a caminho da morte. Durante todo o dia o quarto esteve com as luzes acesas e em total silêncio. Passavam-se horas sem que se ouvisse qualquer ruído. Alicia dormitava. Jordán praticamente vivia na sala, também com todas as luzes acesas. Andava sem parar de um extremo a outro, com incansável obstinação. O tapete abafava seus passos. De vez em quando, entrava no quarto e continuava seu mudo vaivém ao lado da cama, olhando para a mulher sempre que caminhava na sua direção.

Logo Alicia começou a ter alucinações, confusas e nebulosas no início, e que logo desceram ao nível do chão. A jovem, olhos esbugalhados, só fazia olhar para o tapete dos dois lados da cabeceira da cama. Uma noite, parou de repente com o olhar fixo. Imediatamente abriu a boca para gritar e suas narinas e lábios se cobriram de suor.

_ Jordán! Jordán! — gritou, tensa de espanto, sem parar de olhar para o tapete. Jordán correu para o quarto e, ao vê-lo, Alicia deu um grito de horror.

_ Sou eu, Alicia, sou eu!

Alicia olhou-o aturdida, olhou para o tapete, olhou de novo para ele e, depois de um longo momento de perplexa comparação, acalmou-se. Sorriu e tomou entre as suas a mão do marido, acariciando-a tremendo.

Entre suas alucinações mais frequentes havia um macaco, apoiado no tapete sobre os dedos, que mantinha os olhos fixos nela.

Os médicos voltaram inutilmente. Ali estava, diante deles, uma vida que se acabava, definhando dia a dia, hora a hora, sem que se soubesse como.

Na última consulta, Alicia jazia em estupor enquanto eles lhe tomavam o pulso, passando uns aos outros o punho inerte. Observaram-na por muito tempo em silêncio e se dirigiram à sala de jantar.

_ Xi... — ergueu os ombros o médico, desanimado. É um caso sério... quase nada a fazer...

_ Era só o que me faltava! — grunhiu Jordán. E tamborilou bruscamente sobre a mesa.

Alicia foi se extinguindo em seu delírio de anemia, agravado à tarde, mas que sempre cedia nas primeiras horas. Durante o dia sua enfermidade não avançava, mas todas as manhãs amanhecia lívida, quase em síncope. Parecia que durante a noite se lhe esvaía a vida em novas ondas de sangue. Tinha sempre ao despertar a sensação de estar derrubada na cama com um milhão de quilos por cima. A partir do terceiro dia esse desmoronamento não mais a abandonou. Mal conseguia mover a cabeça. Não quis que tocassem na cama, nem que lhe arrumassem o travesseiro. Seus terrores crepusculares avançaram em forma de monstros que se arrastavam até a cama e subiam com dificuldade pela colcha.

Logo perdeu a razão. Nos dois dias finais delirou sem parar, a meia voz. As luzes continuavam funebremente acesas no quarto e na sala. No silêncio agonizante da casa, nada se ouvia além do delírio monótono que saía da cama e do ruído abafado dos eternos passos de Jordán.

Finalmente morreu. A criada, que entrou depois para desfazer a cama, já vazia, olhou surpresa para o travesseiro.

_ Senhor! — chamou Jordán em voz baixa. _ No travesseiro há manchas que parecem de sangue.

Jordán aproximou-se rapidamente e se inclinou por sua vez. De fato, sobre a fronha, em ambos os lados do buraco deixado pela cabeça de Alicia, viam-se manchinhas escuras.

_ Parecem picadas — murmurou a criada depois de um instante de imóvel observação.

_ Levante-o perto da luz — disse-lhe Jordán.

A criada levantou-o, mas logo o deixou cair e ficou olhando para aquilo, lívida e tremendo. Sem saber por quê, Jordán sentiu que seus pêlos se eriçavam.

_ O que há — murmurou com voz rouca.

_ Está muito pesado — balbuciou a criada, sem parar de tremer. Jordán levantou-o; estava pesadíssimo. Saíram com ele e, sobre a mesa de jantar, Jordán cortou fronha e capa de um só golpe. As penas superiores voaram e a criada deu um grito de horror com a boca muito aberta, levando à cabeça as mãos crispadas: no fundo, entre as penas, movendo lentamente as patas peludas, havia um animal monstruoso, uma bola viva e viscosa. Estava tão inchado que mal se distinguia sua boca.

Noite após noite, desde que Alicia caíra de cama, aplicara secretamente sua boca, sua tromba, melhor dizendo — às têmporas da moça, chupando-lhe o sangue. A picada era quase imperceptível. A remoção diária do travesseiro sem dúvida impedira seu crescimento, mas desde que a jovem deixou de se mover, a sucção foi vertiginosa. Em cinco dias, em cinco noites, esvaziara Alicia.

Esses parasitas das aves, diminutos em seu habitat natural, chegam a adquirir, em determinadas

condições, proporções enormes. O sangue humano lhes parece ser especialmente favorável, e não é raro encontrá-los em travesseiros de penas.

(http://contoando-contodomes.blogspot.com/2011/01/o-travesseiro-de-penas-horacio-quiroga_01.html)

